

A CRISE PARA A SUPERAÇÃO DO CAPITALISMO*

Le Nouvel Observateur: Quando o capitalismo figura como um horizonte intransponível de nosso tempo, ele apresenta-se, mais do que nunca, vulnerável à crítica na sua própria maneira de ser. Eminentes economistas, como o Prêmio Nobel Joseph Stiglitz, denunciam a financeirização da economia e suas desavergonhadas derivações. Como você explica tal paradoxo?

Bernard Stiegler¹: Tomando como referência a análise de Max Weber, que n’*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* mostra que o capitalismo substitui a crença – inscrita na tradição – pela confiança que requer a inovação. A confiança não nasce mais da fé, mas de uma ética laica, de um comportamento submisso à regras infalíveis. Assim, o capitalismo repousa sobre o crédito como confiança e necessita conquistar a adesão dos indivíduos. Ora, é precisamente esse crédito que hoje está arruinado. Os instrumentos financeiros tornaram-se loucos. Os movimentos “por um outro consumidor” ou “anti-consumista” e aqueles que são a favor do “decrécimo” [do crescimento econômico] são indícios muito graves da desmotivação, isto é, da perda dos motivos – e, portanto, da razão –, algo que fere o sistema. De qualquer maneira, o capitalismo perdeu seu espírito: as pessoas não aderem mais a ele. Tal realidade abrange os quadros de funcionários das empresas, que também sofrem de desmotivação. Portanto, hoje, não há uma alternativa de credibilidade dentro do capitalismo...

* Publicado com o título: “La crise à rebonds du capitalisme” – Entretien avec Bernard Stiegler in *Le Nouvel Observateur* – Hors-Série. n. 65, mai/juin 2007, p. 22/26. (Traduzido por José Benevides Queiroz, doutor em sociologia pela UNICAMP e professor da Universidade Federal do Maranhão – e-mail: malevides@yahoo.com.br).

1 Bernard Stiegler é filósofo e autor de inúmeras obras. Atualmente, dirige o Departamento do Desenvolvimento Cultural do Centro Pompidou, onde criou o Instituto de Pesquisa e da Inovação. Ele também preside *Ars Industrialis* (www.arsindustrialis.org). Últimas obras publicadas: “La Télécratie Contre La Démocratie. Lettre Ouvert Aux Représentants Politiques” e “Réenchanter Le Monde. La Valeur Esprit Contre Le Populisme Industriel” (Flammarion, 2006).

N.O.: *Esta desafeição não é ela uma consequência inelutável do capitalismo?*

B.S.: Historicamente, o capitalismo é um processo de “desencantamento do mundo”, segundo a fórmula de Weber, porque ele erige um sistema de valores onde tudo, sem exceção, torna-se calculável e igualável pela moeda. Com isso, ele prepara aquilo que Nietzsche anuncia como o advento do niilismo.

N.O.: *Como se opera esta mutação de valores?*

B.S.: De uma maneira muito surpreendente. Weber descreve o aparecimento de um novo pensamento religioso – o protestantismo – que abre a possibilidade de ultrapassar a religião. Lutero começa por legitimar o livre acesso ao Livro para imprimi-lo. Sua reivindicação parece circunscrita ao campo religioso, mas abre espaço para aquela de Calvino, que sistematiza o princípio segundo o qual pode e deve-se alcançar sua salvação participando dos negócios. Migrando em direção às colônias da América do Norte, esse novo espírito, nascido nos países do Norte, radicaliza-se sob o aspecto de uma nova figura, a do empreendedor não mais constrangido pelas regras de interdição da antiga religião: amar a Deus é acumular o máximo de dólares... Para Benjamin Franklin, aquilo que ganhei é a quantificação de meu amor por Deus. É o aparecimento da sociedade onde tudo pode e deve tornar-se calculável.

É um antigo corte entre duas ordens de realidades radicalmente separadas que é destruída pelas palavras duras do calvinismo. Lembremo-nos que em todas as sociedades, até a consolidação do capitalismo sob sua forma industrial no século XIX, sempre houve dois planos de existências, duas dimensões, duas esferas incompatíveis: uma consagrada à subsistência – calculável – e, desse ponto de vista, considerada como trivial; a outra consagrada à gratuidade, ao tempo livre, ao repouso – incalculável – e, portanto, de essência nobre. Isso se traduz socialmente pela distinção entre os escravos e os cidadãos, em Atenas, ou entre o Terceiro Estado e a nobreza, no Antigo Regime. Em seguida, isso se transformou num ideal do sábio, compreendido como laico, que representa a cultura e o acesso ao mundo simbólico. As instituições como a Igreja ou a República de Jules Ferry, tinham por missão garantir que todos tivessem acesso a esse mundo simbólico, quer pela mediação religiosa quer pela escolar. Distinguia-se cuidadosamente o *otium* – o mundo fora do cálculo, fosse ele religioso, artístico, erudito ou político – do *negotium*, este dedicado ao labor. O *negotium* resulta da contração da seguinte expressão latina: *mihi neg otium est* (eu não tenho o lazer). Esta ordem da necessidade é considera-

da como a degradação de uma ordem qualitativa que lhe é infinita e legitimamente superior, a ordem propriamente humana.

N.O.: *Qual relação você estabelece entre esta mutação cultural e o aparecimento da infra-estrutura característica do capitalismo industrial?*

B.S.: Uma estreita relação na medida em que o espírito pré-capitalista, fundado sobre a acumulação primitiva do capital, beneficiou-se da invenção da imprensa. Esta técnica do espírito, que substitui a escrita manual dos monges copistas e cujo uso é restrito ao mundo simbólico, passou para o mundo dos negociantes. A contabilidade desses fez enormes progressos graças aos livros-caixas. A técnica induz uma nova compreensão da razão, que passa a ser entendida como *ratio*. É por isso que a dinâmica do capitalismo é analisada por Weber como processo de racionalização. A imprensa é uma etapa importante da *hypomnemata*, palavra grega que tomo emprestado de Michel Foucault, para designar os instrumentos de memorização artificiais, os quais beneficiarão o capitalismo até a atual era digital.

O capitalismo se articula em seguida com o maquinismo, que constitui uma nova etapa da “gramatização”, termo utilizado por Sylvain Auroux e que significa tornar reproduzível todos os tipos de atividades humanas sob a forma de fluxo: a palavra torna-se reproduzível, por exemplo, graças à escritura ou ao gravador. A primeira etapa da gramatização é o aparecimento do alfabeto. A imprensa constitui uma segunda etapa. O maquinismo é a terceira porque ele permite a reprodução dos gestos do trabalhador: a reprodutibilidade permite expropriar o trabalhador de seu saber, este transferido para a máquina, e controlar seu gesto mecanizado.

O capitalismo se insere em um longo processo de exteriorização da técnica que o precede: em *O Gesto e a Fala*, André Leroi-Gourhan mostra que esse processo existe desde o início da hominização. O ser humano exterioriza para fora de si as funções inferiores: ele necessita de uma realidade composta de próteses técnicas para sobreviver. Com o passar do tempo, o capital técnico acumulado torna-se mais determinante que o capital genético.

N.O.: *Portanto, pode-se dizer que o aparecimento do capitalismo constituiu um progresso da civilização ocidental?*

B.S.: Correto. A transferência do *savoir-faire* para a máquina permite realizar enormes ganhos de produtividade – da ordem de 1000 vezes ou mais, entre o início e o fim do século XIX. Isso abre todos os tipos de novas possibi-

lidades: a eletricidade, a estrada de ferro, a higiene, a educação, uma mudança global do modo de vida. Muitos são os fatores pelos quais o capitalismo manifesta-se como um evidente progresso civilizacional. Do fim do século XVIII até a Segunda Guerra mundial, é indubitável que o capitalismo tem um impulso sem equivalente, que se torna um extraordinário e dinâmico criador de inovações, de riquezas, de prosperidade e mesmo de suntuosidade. Manifesta-se por meio dele uma poderosa individuação psíquica e coletiva evidente, cujo *self-made-man* é um caso limite. Por individuação, eu entendo o processo pelo qual se constitui um “eu” no seio de um “nós”, de modo que sem se confundir com o coletivo, minha individuação é, ao mesmo tempo, aquela do grupo ao qual eu pertença. É a tese desenvolvida por Gilbert Simondon no livro *A Individuação Psíquica e Coletiva*. O capitalismo tem sido o motor da individualização dos Estados Unidos e o fermento de sua unidade, como o foi o pré-capitalismo para a Holanda no século XVII. Porém, ao mesmo tempo, desenvolve-se a miséria social descrita por Dickens, Zola e Steinbeck.

N.O.: *O próprio Marx era fascinado pelas conquistas prometidas do capitalismo. Contudo, através do conceito de trabalho alienado não aponta ele sua natureza desumanizadora?*

B.S.: Marx é imprescindível para compreender a desumanização do trabalho que ocorre durante a Revolução Industrial. Ele descreve perfeitamente a perda por parte do trabalhador de sua existência, cujo *savoir-faire* é transferido para a máquina; isso o reduz à uma pura força de trabalho quantificável, alienado à ferramenta de produção da qual torna-se o servente ou, dito de outro modo, o servo. Essa situação intolerável, segundo Marx, devia conduzir à sublevação revolucionária. Eu reli sua análise a partir da obra de Simondon, o que me permitiu estabelecer uma distinção entre o operário e o proletário – distinção que os marxistas não viram. “Proletário” vem do latim *proles*, “linhagem”, e designa aquele cuja reprodução é a única riqueza. O proletário é um reproduzido reduzido à sua força de trabalho. O operário de ofício não é, de início, um proletário; ele se torna quando perde seu saber, seu *métier* precisamente. Os quadros de funcionários, os técnicos, os engenheiros tornam-se, eles também, proletários – mesmo ganhando bem suas vidas – desde o momento que lhes escapam seus respectivos saberes pelo fato da mecanização. O proletário é uma figura da desindividuação. Essa expropriação o priva da possibilidade de existir no seio da sociedade, isto é, de ultrapassar com seu próprio trabalho a subsistência, o *negotium*, e

de se projetar em direção às condições que formam o *otium*, ao qual o aprendizado e a formação num ofício lhe dão acesso. Quando a proletarização se estende cada vez mais sobre mais esferas de atividades, em razão do progresso técnico das tarefas automatizadas, se produz a desindividuação psíquica e coletiva, algo que arruína o sentido da existência.

N.O.: *Podemos dizer que o advento do niilismo, do qual o capitalismo foi o portador, foi por muito tempo retardado ou mascarado pela crença no progresso?*

B.S.: Com efeito, a destruição dessa crença revela o que eu chamei de nossa “miséria simbólica”: a destruição da vida humana como existência, como razão de viver, pelo processo adaptativo de sobrevivência a que o capitalismo nos submete, pois que é um regime de estrita necessidade. A liquidação da diferença e da hierarquia entre *otium* e *negotium*, isto é, entre existência e subsistência, conduz a proletarização generalizada. A perda do saber fazer, do saber viver, do saber ser, corresponde a um processo de gregarização massiva dos comportamentos que ninguém pode escapar desde que entramos no consumo de massa.

N.O.: *A redução da razão ao cálculo conduz a uma perda de sentido?*

B.S.: Inexoravelmente, à medida que o *logos* remete, segundo Aristóteles, ao que põe em movimento, aos móveis de agir, aos motivos de viver. Nós somos agitados, postos em movimento, explica-nos em seu *Tratado da Alma*, pelo primeiro motor fixo que ele chama de *theos*. O *logos* é da ordem do desejo, desde que ele não se reduza às necessidades ou pulsões, como se diz na linguagem freudiana. O desejo é um espaço de simbolização que traduz uma relação em sua singularidade. O objeto em direção o qual ele tende sempre é de uma singularidade incomparável: amar alguém implica numa pura qualidade, irreduzível à uma quantificação; é da ordem do incalculável, do incomparável e do incommensurável. Essa não é uma verdade restrita ao amor, ela também se encontra nos objetos sublimados do desejo, que são objetos sociais, tais como: a língua, a religião, a família, a lei, as obras de arte, etc. Ora, a calculabilidade generalizada, aplicada a todos os objetos, destrói a singularidade e, por isso mesmo, o desejo. Tal realidade engendra a desafeição e altera o gosto de se viver em sociedade. Por qual razão? A *philia*, enquanto afeto comum que funda o laço social, a civilidade e todas as formas do saber viver, é a forma sublimada do desejo. O desafio que se impõe a nós é o de restaurar a *philia*, uma adesão à sociedade.

N.O.: *Você quer dizer que, após ter sido um fator de individuação, de progresso, o capitalismo desagrega a sociedade pela onipotência do mercado?*

B.S.: Isso mesmo.

N.O.: *Portanto, ele não teria mais a capacidade, que se acreditou por muito tempo, de superar suas contradições?*

B.S.: Não na sua fase atual, a qual ainda repousa sobre o modelo do consumidor, pois se tornou caduco e patogênico. Modelo que, aliás, foi desenvolvido para remediar a crise de superprodução provocada pelos imensos ganhos de produtividade do maquinismo industrial.

Retomemos alguns elementos da história para melhor compreender a situação atual. O capitalismo empresarial realiza ao mesmo tempo o progresso teórico da ciência, o *savoir-faire* técnico e os capitais acumulados; estes últimos são reinvestidos em um processo de inovação permanente, que é estimulado pela pesquisa e a industrialização dos procedimentos descobertos a fim de transformar o mundo. Mas a inovação se expande muito rápido, ela é copiada pelos concorrentes, de modo que o investimento oneroso nela tende a se tornar cada vez menos rentável. Isso se traduz pelo que Marx denomina *queda tendencial da taxa de lucro*, pelos fenômenos de superprodução e de deflação monetária. A crise do capitalismo europeu é um dos fatores desencadeantes da guerra de 1914. Os Anos Loucos (1919/1929) representam uma acalmia, mas, rapidamente, a lei de bronze da queda da taxa de lucro retomou seu curso durante a famosa crise de 1929, em particular nos Estados Unidos. É muito importante observar que a “gramatização”, que evoquei precedentemente, isto é, a reprodutibilidade dos comportamentos humanos obtida pela racionalização e calculabilidade, vai ser objeto, durante esse período, de um novo avanço sob a forma do taylorismo.

O engenheiro americano Frederick Taylor publica, no início do século XX, seus estudos sobre a organização do trabalho nas fábricas. Ele será lido por Henry Ford, que fez sua a intuição de John Morgan: “o século XX será o século do automóvel”. Ford convenceu-se de que era necessário aplicar os métodos preconizados por Taylor, por isso inventou a linha de montagem. Contudo, sua inovação decisiva não é essa, mas a venda em massa de seu *Ford T* por baixo preço. Aqui, verificamos a grande inventividade do capitalismo. Ford compreende que o capitalismo é refém de uma crise de superprodução estrutural permanente, que ameaça seus fundamentos, e se lança na organização artificial e racional do consumo.

N.O.: *Diria você que a força do capitalismo americano encontra-se no aspecto de ter compreendido o papel da conquista do mercado?*

B.S.: Não tenho dúvidas. Eles são os fenícios de nossa época.

N.O.: *Como se criou o consumidor?*

B.S.: Para fabricar um consumidor é necessário, antes de tudo, controlar a opinião pública. Em 1917, o governo americano decide entrar em guerra contra o sentimento muito isolacionista da população americana. Para convencê-la, ele recorre ao pioneiro das *publics relations*, Edward Barnays, para quem o problema chave dos grandes Estados industriais no século XX será o domínio da opinião e o controle dos comportamentos individuais e coletivos. Esse homem é sobrinho de Freud. Muito a par dos trabalhos de seu tio, ele conhece os conceitos de libido e de inconsciente. Ele propõe ao governo americano trabalhar sobre o inconsciente da população e desenvolve uma “tecnologia do desejo”. Ele é o inventor daquilo que se tornará o marketing. Ele se faz conhecer, sobretudo, durante a crise de 1929, quando então oferece seus serviços a companhia Philipp Morris, em grave situação financeira, a qual faz a seguinte proposta: os Estados Unidos é um país puritano onde as mulheres não fumam, mas se pode incitá-las a fumar, a transgredir os tabus, graças a uma campanha publicitária centrada sobre o inconsciente feminino. A emancipação feminina passará pelo cigarro... A Philipp Morris expande seu mercado e sai da crise. Na primeira metade do século XX, as pessoas não têm hábitos de consumo de massa, enquanto que a mais-valia do investimento se realiza sobre as economias de escala necessitando mercado de massa para escoar a produção. Portanto, a publicidade terá como objetivo destruir os modos de vida tradicionais e manipular o inconsciente a fim de criar uma nova cultura cotidiana consumista.

N.O.: *Em seguida, tratar-se-á de ajustar a evolução dos comportamentos àquela da produção?*

B.S.: Exatamente. Não é por um acaso que a indústria automobilística se desenvolve na Califórnia, próxima de Hollywood, que abre seus primeiros *studios* de produção de filmes em 1907, momento em que Ford elabora seu projeto do *Ford T*. Um senador americano declara em 1912: “o comércio segue os filmes”. Observa-se desde então, em razão da lógica de socialização dos produtos industriais, processos de transformação comportamental extremamente rápidos. O capitalismo americano inventa uma nova economia libidinal: uma nova organização do desejo. Uma vez que o desejo é o motor que nos faz viver e nos mata,

que determina em profundidade nosso comportamento, o que faz o capitalismo de consumo procurar por todos os meios capazes de controlá-lo e explorá-lo como explora os poços de petróleo... Até o esgotamento da fonte.

A crise atual do capitalismo resulta de uma baixa tendencial da economia libidinal e não somente da taxa de lucro. O desencantamento do mundo chegou ao seu ponto culminante. A libido dos indivíduos foi inicialmente cercada de seus objetos socialmente construídos por uma tradição, pelas estruturas pré-modernas como o amor de Deus, da pátria, da família, e esse cercamento começa com o novo empreendedor – descrito por Weber – que investe toda sua libido na empresa: ele está constantemente ocupadíssimo; essa é precisamente a novidade em relação ao empreendedor tradicional que reservava uma parte do seu tempo para o lazer, para o *otium*. Esse artifício torna-se mais e mais hegemônico à medida que progride o espírito do mercado. Pois o capitalismo chega ao estágio em que atrai todo investimento libidinal aos objetos sociais e de maneira exclusiva. É uma redução do desejo às necessidades e a absorção de toda a esfera do *otium* pelo do *negotium*.

N.O.: *O capitalismo não atinge aí seus limites internos?*

B.S.: Eu penso que sim. Sua “destruição criativa”, para retomarmos a expressão de Joseph Schumpeter, chega a um estado limite, extremamente perigoso para a sociedade. O processo de liquidação dos hábitos pré-modernos se processou eliminando tudo que se ergueu como obstáculo ao consumismo. Ora, o superego é um dos tais obstáculos. Contudo, ele é a condição do desejo – que não é a pulsão primária. A destruição do superego erode a capacidade de transformar as pulsões em desejo; este não existe sem espera, sem maturação, sem limites que se oponham à satisfação imediata.

Pela limitação, eu sublimo meu comportamento e, por isso mesmo, me comporto humanamente. Como nós, uma lesma tem pulsões, mas essas não constituem a libido. Nos animais só há pulsões, não a libido. O capitalismo consumista repousa sobre uma psicologia pavloviana: estímulo/resposta. Ele tornou-se pulsional. O primeiro a ter percebido isso, que eu conheça, foi Herbert Marcuse, em *Eros e Civilização*. Ele é o primeiro que compreende que o capitalismo é um processo de dessublimação.

Tal reflexão permite que se sublinhe um paradoxo no Maio-68: pensou-se que o capitalismo era conduzido pela direita, que defendia “os valores tradicionais”, e que foi um movimento de esquerda – Maio-68 – que quis simbolicamente destruir esses valores. Mas, na realidade, quem realmente organizou essa

destruição de valores foi o próprio capitalismo: desde 1955, portanto bem antes de 1968, Marcuse analisa suas consequências. Ele vê que o capitalismo está em contradição com a manutenção do superego. É um limite do capitalismo, não externo, mas interno, pois uma sociedade sem superego se autodestrói. O superego é quem produz a lei como civilidade. Um recente relatório do prefeito de Seine-Saint-Denis explicava a violência nas cidades por essa ausência de superego, que se traduz então pela passagem ao ato.

N.O.: *Nas suas obras, você expressa muito interesse a fatos diversos, como o assassinato de todo um conselho municipal por Richard Durn ou aquele do jovem Ilan Halimi. Você analisa-os como consequências trágicas do capitalismo pulsional?*

B.S.: Isso mesmo. O procurador que instruiu o caso Ilan Halimi declarou, a propósito de seus assassinos, ter sido um ato com “grau zero de pensamento”; ele não disse que foi um ato de débeis mentais ou de seres psiquicamente desequilibrados. Eu não me furto de reler o “grau zero de pensamento” na frase pronunciada por Patrick Le Lay, presidente da TF1, que afirma: “eu vendo meu tempo de cérebro disponível à Coca-Cola”. Um tempo de cérebro disponível é um tempo de cérebro sem consciência. Eu disse que a individuação é a formação de um “eu” no seio de um “nós”; a desindividuação, com efeito, é uma impossibilidade para um “eu” estar de acordo consigo mesmo; impossibilidade acrescida quando a coletividade está submissa aos processos de identificação regressiva produzidos por uma televisão – doravante pulsional – colocada exclusivamente a serviço do controle comportamental dos indivíduos pelas necessidades do mercado. O *reality show* tornou-se a expressão da miséria simbólica, que é também psico-afetiva.

N.O.: *Miséria simbólica e miséria psico-afetiva que exprimem perturbações do comportamento tais como os vícios (addictions)?*

B.S.: Sim. Eu me recordo dos pais infanticidas que tinham sete televisões em sua casa... Sem dúvida, o consumismo compulsivo não basta para acalmar a angústia psíquica. Aliás, é inquietante ver patologias como a depressão se expandirem nos novos países capitalistas de maneira frenética: na China, 15% da população encontram-se em depressão crônica.

N.O.: *Você publicou conjuntamente **A Telecracia Contra a Democracia e Reencantar o Mundo**, duas obras nas quais aponta a atual organiza-*

ção da economia industrial como responsável pela derrota do pensamento e pela apatia cívica e política. Por quais meios pode-se restaurar uma afeição pelo bem comum?

B.S.: Por natureza, o mercado não pode suscitar *philia* alguma porque seus produtos são calculáveis, renováveis e descartáveis. Os objetos da *philia* não têm, quanto a eles, preço. Eles são inestimáveis. Por natureza, uma sociedade de mercado desvaloriza o valor e arruína o sentido da existência, *a fortiori* a vida coletiva. Ela arruína a *philia*; ou seja, o desejo político, a esperança no futuro. O Estado, sob o governo de Jules Ferry, criou a escolaridade obrigatória, que ia contra os interesses do campesinato, então majoritário, e dos industriais, pois ambos utilizavam o trabalho infantil. É um mesmo ato de confiança no futuro que precisamos realizar, pois nos encontramos numa encruzilhada: se a China e a Índia – atingindo elas duas próximo de 2 bilhões e meio de habitantes – perseguirem seus respectivos desenvolvimentos tendo como parâmetro o modelo industrial que estabelecemos, o planeta não sobreviverá. Portanto, em relação ao capitalismo ocidental, não se trata de “guardar seu avanço tecnológico” ancorando-o ao seu modelo de desenvolvimento “dissociativo” (produtor-consumidor), mas conseguir sua mutação, criando um meio associativo simbólico; um meio participativo, de cooperação e de mutualização do saber, capaz de reforçar as singularidades para sustentar esse esforço da inteligência coletiva, algo fundamental para descortinar um futuro comum. Foi com esse sentido que participei da fundação da *Ars Industrialis*, que é uma associação internacional que luta por uma política industrial do espírito.